

### 3 Matéria e “maya”

Lama Anagarika Govinda

*“Assim como sunyata não é apenas vacuidade de todas as designações de uma autonatureza limitada, mas também uma expressão da realidade última, assim maya não é unicamente a forma negativa, velada, fenomênica, mas ainda o princípio dinâmico que produz todas as formas aparentes. Ele jamais se revela no produto final completo e singular, mas tão-somente no processo de vir a ser, no fluxo vivo, no movimento incessante.”*

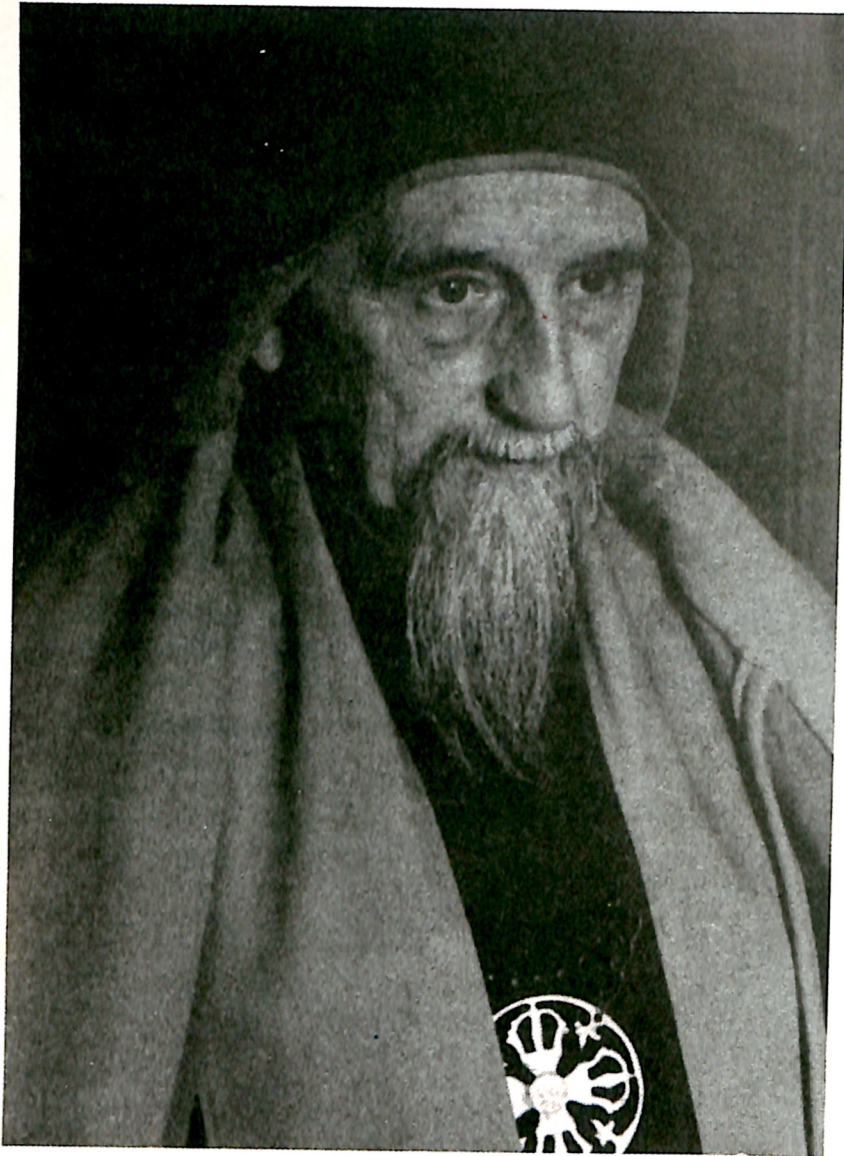
Lama Govinda

O mistério da matéria, que Bohm discutiu no diálogo precedente, é agora retomado do ponto de vista do budismo *mahayana*, representado aqui pelo lama Anagarika Govinda, um budista tibetano que foi um intelectual e um sábio.

O lama Govinda já era septuagenário quando o encontrei, esguio em sua veste vermelha e açafrão de monge *vajrayana*, com seus profundos olhos azuis e longa barba branca. Apesar do sotaque alemão bastante carregado, parecia a imagem arquetípica do sábio oriental.

A entrevista ocorreu em 1979, em Westchester, NY, na casa de campo de Emily Sellon, editora de *Main Currents in Modern Thought* e estudiosa da filosofia oriental, com quem o lama Govinda sempre ficava quando estava no Ocidente.

Nele, uma certa simplicidade infantil contrastava com a vasta erudição e a sofisticação filosófica que eu tanto admirara em seus escritos. Para essa inocência, difícil de determinar, contribuía um rosto suave, iluminado por grandes olhos; mas também o fato de o lama Govinda experimentar intenso deleite nas coisas mais insignificantes do cotidiano. Recordo-me dele num concerto na biblioteca de Sellon, sentado, de olhos fechados, com as mãos compridas espalmadas nos braços da poltrona, totalmente absorvido na música de Mahler. Como o dalai-lama e o padre Bede — e em contraste com a postura bem mais severa de Krishnamurti —, o lama Govinda divulga a mensagem da alegria simples de ser.



LAMA ANAGARIKA GOVINDA